



CASAMENTO E O CONTEXTO PATRIARCAL NO CONTO “AS FORMIGAS” DE AUGUSTA FARO

Female identity in the patriarchal context in the tale “As formigas” by Augusta Faro

La identidad femenina en el contexto patriarcal en el cuento “As formigas” de Augusta Faro

Dayene Pereira do Nascimento

Analice de Sousa Gomes

RESUMO

O presente artigo possui como objeto de análise o conto “As formigas”, da autora goiana Augusta Faro. Essa narrativa apresenta algumas características do gênero fantástico, construindo, por meio do insólito e simbologias, significados que transcendem o real, mas que, sobretudo, desvelam conteúdos que expõem a realidade. Nesse sentido, tomamos como fio condutor dessa pesquisa a discussão que abarca a representação da figura feminina em personagens que, apesar de viverem em contextos dominados por preceitos patriarcais, desejam liberdade e, nesse ínterim, a construção de sua identidade. A análise se baseia na ideologia da superioridade masculina e a presença da mulher como um ser secundário, apresentando o preconceito contra a mulher. O conto retrata a solidão de Dolores, personagem que tem 50 anos de idade e está sozinha, sem um relacionamento estável, motivo pelo qual as pessoas próximas a ela levam-na a pensar que a verdadeira causa de seus “problemas” seria o fato de não ter se casado. Assim, percebe-se que as relações patriarcais são fortemente presentes no conto, bem como seus ideais de dominação. Desse modo, este estudo é baseado em teóricos como Beauvoir (2016), Hollanda (1994), Sartre (2005), Todorov (2014), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Casamento. Mulher. Patriarcalismo. Augusta Faro.

ABSTRACT

The present work has as object of analysis the story "The ants", by the Goverant author Augusta Faro. This narrative presents some characteristics of the fantastic genre, constructing, through the unusual and symbologies, meanings that transcend the real, but which, above all, reveal contents that expose reality. In this sense, we take as the guiding thread of this research the discussion that encompasses the representation of the female figure in characters who, despite living in contexts dominated by patriarchal precepts, desire freedom and, in the meantime, the construction of their identity. The analysis is based on the ideology of male superiority and the presence of the woman as a secondary being, presenting the prejudice against the woman. The story portrays the loneliness of Dolores for being fifty years old and being alone without a stable relationship, which is why the people close to this character lead her to think that the real cause of her "problems" would be the fact not having been married. Thus it is perceived that patriarchal relations are strongly present in the tale, as well as their ideals of domination. In this

way, this study is based on theoreticians such as Beauvoir (2016), Hollanda (1994), Sartre (2005), Todorov (2014), among others.

KEYWORDS: Wedding. Woman. Patriarchalism. Augusta faro.

1 INTRODUÇÃO

Augusta Faro apresenta sua coletânea de contos *A friagem* (2001), na qual explora a condição feminina através de treze contos, em que as personagens centrais são mulheres vivendo situações peculiares e distintas. Os contos retratam a fantasia que abarca a representação feminina no contexto patriarcal. As histórias expõem tramas centradas em sangue, dor e sexo. Nesta obra, vê-se o real e o fantástico, o desejo intenso e o tédio, o mundo marcado pela inferioridade da mulher no cotidiano. Como objetivo específico, este trabalho pretende verificar a importância que é dada, pela autora, à sexualidade feminina, por exemplo, a abordagem da representação da mulher no seu desejo sexual reprimido, que se transforma em algo inusitado no conto “As formigas”, desvelando, nessa narrativa (assim como nas demais dessa coletânea de contos), conteúdos sociais e históricos que transpassam a construção da identidade feminina.

Em *As formigas*, é retratado o discurso patriarcal e a representação da mulher por meio da visão de uma autora mulher. Assim, Augusta Faro utiliza a ficção como meio de transcender o real, mas expõe a realidade e revela o discurso de uma visão preconceituosa gerada pela visão patriarcal sobre a mulher. Nesse sentido, Simone de Beauvoir (2016) discute as limitações e cerceamentos sofridos pela mulher no decorrer da história, destacando que a existência feminina era pautada pela sociedade por concepções ideológicas que enfatizavam seu “destino biológico”, perspectiva que pode ser vista nas personagens de Augusta Faro: elas vivem de forma apreensiva, controlada por um poder opressor.

A protagonista de “As formigas” é perseguida para permanecer sob os preceitos patriarcais, ser do lar, ser propriedade do homem, empregada doméstica, sendo privada assim de sua liberdade de escolha. Ao pensar sobre a identidade feminina, nos deparamos com a situação da mulher marginalizada na sociedade. Augusta Faro expõe no seu conto a mulher reprimida que desiste de lutar por sua liberdade e acaba se submetendo a essa concepção regressiva, presente no discurso social, de que a mulher, por ser diferente do homem, deve ocupar um espaço social diferente do dele.

No conto, o papel social destinado à mulher é o da esposa, que engloba também os papéis de dona de casa e mãe. Neste artigo, para mostrar a luta incessante da mulher pelo direito

igualitário na sociedade, utilizam-se os pressupostos de Coqueiro (2014), que apresenta a grande influência das ondas feministas para a liberdade de expressão e defesa da igualdade de gênero. Já no terceiro capítulo, com o título a Representação da mulher no conto “As formigas”, de Augusta Faro, parte-se para análise da representação da protagonista Dolores, sua identidade feminina sob a influência das ideias disseminadas pela sociedade, que, geralmente ditadas pelos preceitos patriarcais, esperam da mulher a obediência ao indivíduo masculino, isto é, uma identidade à sombra e definida pelo homem.

A presente pesquisa, de cunho analítico-interpretativo, se apoia nas ideias de autores como Bessi re (2009), Bourdieu (2002) e Coqueiro (2014), entre outros, por meio do método qualitativo e da análise bibliográfica, buscando a verdade das hipóteses levantadas. Dessa forma, apresentam-se como questionamentos: Quais são os pilares que sustentam o patriarcado?; O poder masculino decide a construção social humana?; O papel das mulheres na sociedade patriarcal é o de submissão?; e Os movimentos feministas foram o grande ápice para a igualdade de gênero?

2 A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NO CONTO “AS FORMIGAS”, DE AUGUSTA FARO

Sabe-se que a sociedade foi construída sobre os pilares do patriarcado, cujo preceitos são demarcados pela história e cultura. Com muita luta, as mulheres conquistaram seu espaço na literatura e desconstru ram essa estrutura de tradição patriarcal. Desse modo, as obras de autoria feminina começaram a ser interpretadas e discutidas sobre a necessidade de uma referência do seu próprio ser, como construção de sua identidade social. Diante dessa evolução na construção das narrativas, a autora goiana Augusta Faro apresenta em sua obra *A friagem* (2001), um livro escrito por uma mulher para a diversidade de mulheres, tramas centradas em personagens femininas. Nesse sentido, busca-se analisar o conto “As formigas”.

Nessa narrativa, o enredo apresenta a solidão de Dolores e sua vontade de casar. Mulher de 50 anos, que vive sozinha com a preocupação de lavar exageradamente a boca, Dolores chega a sonhar com a boca cheia de formigas, logo depois decide ir ao médico para saber o que está acontecendo, mas   surpreendida pela resposta do médico: “- De uns tempos pra c , doutor, são sonho com a boca cheia de formigas. O que é isso? – Falta de casar” (FARO, 2001, p. 12). Essa opinião é compartilhada pelas pessoas em geral, bem como pelo irmão de Dolores. Diante disso, é possível perceber que somente o casamento é a solução para acabar com esses sonhos sobre as formigas. Neste trecho, v -se claramente a relação patriarcal, a superioridade

masculina sobre a mulher é bastante perceptível. A mulher não tem direito de voz, nem de ação, a sujeição feminina é demarcada no momento em que o papel masculino dita as regras, deseja e permite o desempenho da mulher na sociedade, mediante suas vontades, necessidades e princípios, obedecendo a ordens da figura masculina de forma reprimida.

Conforme o irmão e o médico falam, fica mais evidente a autoridade imposta pelo homem sobre a mulher. “- Que nada. Mulher que não tem serviço, não casa, dá nisso. Tem que ter marido e filho para cuidar, senão endoida, cada qual de um jeito” (FARO, 2001, p. 17). Isso demonstra que a mulher só teria uma vida tranquila, em paz, se estivesse casada, o casamento é o destino tradicionalmente imposto para a mulher, sem ao menos ter direito de opinar ou de decidir sobre seu futuro.

Dessa forma, pode-se verificar que Dolores era destinada ao matrimônio. De acordo com esse ideal, a mulher que assumia seu papel e cumpria as tarefas era vista como uma pessoa “normal”, se acontecesse o oposto ela passaria a ser vista como uma louca, como o caso da 29 protagonista, que sonhava constantemente com a boca cheia de formigas. “- Zé, já falei, vamos levar sua irmã pra tratar noutro lugar maior. Afinal você que ficou responsável por ela. Tadinha!” (FARO, 2001, p. 17). A partir desta fala, observa-se como a mulher é vista na sociedade patriarcal, o relato da experiência de Dolores, uma “solteirona” subjugada pelo ser masculino em que o homem possuía a capacidade de decidir sobre tudo dentro de casa.

É possível perceber no conto o quanto a mulher é submissa ao interesse do homem, que era o “cabeça da casa”. A submissão é estendida, inclusive, no sentido de que a mulher devia aceitar o casamento e o direito natural do poder do homem sobre a mulher. O ser feminino é formado dentro de uma cultura que define qual o seu papel na sociedade. A narradora representa em Dolores o perfil de mulher perturbada, que não consegue ter sua liberdade ativa na sociedade, vivendo de forma reprimida. A protagonista dominada pelo sistema patriarcado vive à sombra do inquestionável.

No conto, o casamento está visivelmente engessado na personagem, que tem uma vida controlada pelas pessoas que interferem na sua felicidade e liberdade, como se para as mulheres o destino já estivesse traçado há tempos e, apesar da vontade de realização pessoal, o convencional estivesse sempre a interromper a vida da personagem. Augusta Faro apresenta a personagem situada em fatos que promovem a imposição social, pois, além do médico e do irmão, outras pessoas concordam com a justificativa de a falta do casamento ser o causador de seu tormento.

A dominação masculina, portanto, pode ser o produto das demonstrações visíveis de autoritarismo exercido pelas vias de razões culturais e históricas, tratando, pois, de

convencionar que o ser feminino foi criado para suprir as necessidades do ser masculino, sujeitando-se à ordem social e tendo que seguir os padrões patriarcais. É o caso de Dolores, que, para fugir dessa cobrança conjugal, acaba morrendo, demonstrando a incapacidade de se libertar e se tornar um sujeito ativo.

Gênero fantástico e a obra de Augusta Faro

Segundo os conceitos de Todorov expostos na Introdução à literatura fantástica (2014), o gênero fantástico se serve da irrupção de fatos e seres que fogem às explicações de leis naturais. As incertezas desencadeadas nas personagens e no leitor convergem com o que Todorov (2014) afirma ser a manifestação da hesitação, característica primeira e fundamental do gênero fantástico, que “ocorre nesta incerteza” (p. 31, grifo nosso), isto é, na percepção de que, apesar de se estar no mundo cotidiano e real, os fatos estranhos e sobrenaturais surgem distantes de possíveis explicações pelas leis do mundo familiar.

O gênero fantástico é permeado de acontecimentos que vão além da realidade. Segundo Todorov (2014, p. 49), “o fantástico se define como uma percepção particular de acontecimentos estranhos”, ou seja, tem participação em obras que exploram o medo, o susto, o sobrenatural, o insólito e suas narrativas são pautadas numa realidade sem lógica marcada pelo absurdo e anormal. Por outro lado, para Sartre (2005), o fantástico não é apenas uma narrativa de entretenimento, como histórias imaginárias contendo vampiro e lobisomem, entre outros personagens, mas trata de assuntos relacionados ao homem atual, como a angústia existencial, opressão e desigualdade social.

A presença do sobrenatural passou a explorar o psicológico, apresentando o interior do sujeito e criando relação com elementos do cotidiano. Segundo Todorov (2014, p. 20), “o fantástico implica, pois, uma integração do leitor com o mundo dos personagens; define-se pela percepção ambígua que o próprio leitor tem dos acontecimentos relatados”, ou seja, o gênero fantástico surge a partir do momento em que a aparição da ambiguidade é retratada no leitor e a incerteza do sobrenatural provoca um sentimento de dúvida. Essa relação do real com o irreal acontece pelo fato de a narrativa ser incompreendida quanto à manifestação do natural e do sobrenatural, pode ser que o leitor se sinta confuso, pois não são deixadas explicações explícitas para os acontecimentos.

Pode-se dizer que os acontecimentos nas narrativas se conciliam com os elementos fantásticos para explicar os fatos. Um dos exemplos de narrativa fantástica é a obra Ensaio sobre a cegueira (1995), de José Saramago, cujo enredo se baseia na cegueira branca, diferente

da cegueira negra, que atinge grande parte da população. Sendo assim, é possível observar o modo como emprega o fantástico nas narrativas, causando perplexidade nos leitores, a forma como os fenômenos sobrenaturais são aceitos no decorrer da leitura como se fossem reais.

Segundo Todorov (2014, p. 82), “o fantástico se apoia essencialmente em uma vacilação do leitor – de um leitor que se identifica com o personagem principal – referida à natureza de um acontecimento estranho”, quando o leitor apresenta uma hesitação em um texto fantástico que promove uma aceitação irracional do evento insólito referente às leis da natureza. Conforme Bessière (2009, p. 5), “A narração fantástica generaliza a contingência do universo, compreendido como natural e o sobrenatural”, pelo fato de que ambos não são contrários e que povoam a realidade, os eventos sobrenaturais são incorporados à realidade cotidiana dos personagens e espontaneamente naturalizados.

Trata-se de um “mundo incomum”, onde o homem se encontra em situações estranhas, diferentes das normais, mas basicamente aceitando os eventos sobrenaturais. 31 Para Sartre, o fantástico se difere do fantástico de Todorov, pois se relaciona com questões sociais. O fantástico está inserido no mundo em que esse acontecimento também pode se tornar natural, a partir do momento em que o leitor considera esse acontecimento como sobrenatural, tudo torna-se fantástico, relacionado por inteiro com a realidade cotidiana. Dessa forma, Sartre expõe que:

ao humanizar-se, o fantástico se reaproxima da pureza ideal de sua essência. [...] nada de súcubos, nada de fantasmas, nada de fontes que choram – há apenas homens, e o criador do fantástico proclama que se identifica com o objeto fantástico. Para o homem contemporâneo, o homem tornou-se uma maneira entre cem de refletir sobre sua própria imagem (SARTRE, 2005, p. 137).

Como já citado, Sartre afirma que o fantástico contemporâneo está no absurdo. O fantástico está ligado com a luta do homem com o mundo, com os autores do gênero fantástico mostrando a realidade de forma confusa para despertar no leitor uma sensação de alto grau de identificação, portanto, às características do gênero se identificam com os personagens. A literatura fantástica se abre como uma fantasia que projeta enigmas, os quais clamam por decifrações, porque a ordem desse gênero é a falta de limites que permite ao autor não só dar vida ao que não existe, mas também possibilitar que abramos os olhos para enxergar o real através do ilógico.

Como pode ser notado, o fantástico é a forma de apresentar os fatos do cotidiano a ponto de provocar nos leitores uma reflexão sobre as situações sociais, a surpresa diante do sobrenatural que dialoga com problemas reais, fazendo com que o leitor reflita sobre a sua

própria imagem. Por isso mesmo, o fantástico está vinculado ao homem do século XX, o homem no seu modo de ser e de agir sobre o mundo. Trata-se da existência do homem que perde seus anseios sem ao menos se dar conta dos problemas que o cercam.

Tratando os elementos insólitos como define a reflexão existencialista do gênero fantástico no ensaio “Aminadab, ou o fantástico considerado como uma linguagem”, Sartre expõe o homem como propriedade central na construção do fantástico, “não o homem das religiões e do espiritualismo, engajado no mundo apenas pela metade, mas o homem-dado, o homem-natureza, o homem-sociedade [...]” (2005, p. 138).

Em outras palavras, o homem condicionado a uma época de desilusão reflete seus questionamentos sobre sua existência por meio dos acontecimentos insólitos, e estes externam os conflitos que povoam a alma, a essência do homem moderno: seus monstros, fantasmas, medos e metamorfoses. Para Sartre, as narrativas deste gênero no pós-guerra deixaram de lado os elfos, fadas, vampiros e traçaram um retorno ao humano, representando o homem ao avesso, oprimido pelas mais diversas instituições e situações sociais.

No conto de Augusta Faro *As formigas*, presente na obra *A friagem* (2001), é possível perceber os acontecimentos que se deparam com o fantástico, como os “sonhos” de Dolores. No primeiro momento, a narrativa apresenta a extrema solidão de Dolores, juntamente com a vontade de se casar, por ter 50 anos e viver longos anos sozinha. O segundo momento é quando ela passa a sonhar com a boca cheia de formigas. Neste trecho, está o que pode ser sobrenatural:

As formigas faziam caminhos da boca pro chão, do chão pra boca. E elas riam com seu riso de formiga. Estalavam os lábios, cerravam os dentes, trincando, trincando; o barulho parecia mesmo serrinha de brinquedo e Dolores acordava pingando mel, ia pro chuveiro, escovava os dentes muitas vezes no meio da madrugada (FARO, 2001, p. 13).

A personagem Dolores começa a ter sonhos frequentes com formigas. Dolores não tinha sossego. Esses acontecimentos caracterizam a presença do insólito e, no decorrer da narrativa, observa-se a presença de ambiguidade dos acontecimentos com a protagonista. Notam-se elementos fantásticos que fogem a explicações reais: não se podem escutar risadas e dentes trincando das formigas, nem ao menos acordar pingando mel.

No significado simbólico, a boca trincando pode ser a perda de sua força vital e acordar pingando mel pode ser o desejo sexual. Na dúvida quanto ao ser real ou simplesmente um sonho, o autor afirma que “o fantástico é a hesitação experimentada por um ser que conhece somente as leis naturais, frente a um acontecimento aparentemente sobrenatural” (TODOROV, 2014, p. 31).

Para Todorov, o leitor deve considerar o mundo das personagens como se o mundo pertencesse a ele, para que os acontecimentos sobrenaturais recebam uma explicação racional. O narrador conta que um dia Dona Felisbina entrou no quarto para ver Dolores. Logo, quando entrou, ela se deparou com Dolores morta: “Dolores não respirava, imóvel, branca como leite, nua, mas coberta de formigas de todas as cores e feitios, num movimento de fim de mundo. O ruído delas era imenso, vaivém ensandecido” (FARO, 2001, p. 17).

Neste último momento, as formigas de fato cercavam a personagem. Com a morte de Dolores, é demonstrada a incapacidade de se libertar e se tornar um sujeito ativo. Mesmo depois de falecer, ainda permanece com sua triste solidão, “seu sorriso de solidão com a boca limpa e cheirosa” (FARO, 2001, p. 18). Na narrativa, a protagonista apresenta comportamentos da mulher oprimida, sem voz, a mulher marginalizada por ideologias dominantes.

É possível perceber que Dolores não tinha liberdade para tomar suas decisões, permanecendo inerte às situações e aceitando as imposições masculinas, vivendo como ser secundário. A personagem feminina confina-se, no texto, ao espaço da casa, à tarefa de mãe e à ocupação da família, seu espaço foi restrito ao particular, ao fechado e ao limitado.

Para ela, foi construído o que Simone de Beauvoir (2016) chamou de “destino de mulher”: a rainha do lar, a mãe, a geradora, a acolhedora, aquela que mantém afetivamente a prole, opondo-se ao casamento. O fantástico, no conto, apresenta essa realidade através do insólito, que reflete o papel social presente na vida da mulher. Essas construções trabalham no sentido de produzir um lugar da mulher sempre inferior ao do homem, como acontece com a personagem, que acaba por se deixar vencida por essa imposição da obediência. Os fatos que acontecem na narrativa são apresentados através do sobrenatural, que incorpora a realidade, provocando no seu interior a reflexão do seu próprio contexto.

Casamento: A imposição na vida da mulher

Embora os papéis femininos tenham passado por transformações relevantes nos últimos tempos, a mulher que não se casa ou não tem filhos continua julgada como “aquela que ficou para titia”, solteirona, como se casamento fosse sinônimo de uma realização imprescindível à existência da mulher.

Dessa maneira, quem não assume essas funções acaba carregando o rótulo de reprovação. O estado civil de uma mulher é como um selo valorativo. É mais fácil dizer que uma mulher é divorciada do que solteira, pois a mulher divorciada é uma marca registrada e já

passou por essa instituição humana: o casamento. No que se concerne ao conto “As formigas”, é possível perceber a analogia a essa imposição social.

É possível perceber a condição um tanto quanto patriarcal quando a narradora relata a história da personagem Dolores. Na verdade, as mulheres como um todo na narrativa mostram-se moldadas a comportamentos socialmente preestabelecidos para elas. Além disso, essas mulheres são educadas com o propósito de se unir futuramente em um matrimônio com algum homem. Nesse sentido, a personagem Dolores, solteira, com 50 anos de idade é forçada, através da submissão estereotipada, a se casar. Percebe-se na referida obra que a personagem Dolores tenta fugir desse padrão tradicional do patriarcado, mas é punida. Dolores, por sua vez, tinha apenas um irmão e, por ser solteira, vivia junto com ele, então ela não desempenhava o papel de mulher casada.

A personagem é vista dentro da obra como todas as mulheres que têm a essência da feminilidade. A esse feminino pode-se observar o sonho do casamento, para Dolores, uma figura de mulher nascida e criada em ambiente patriarcal, sendo assim, a mulher 34 idealizada apresentava, entre suas características, fatores que indicavam a inferioridade que lhe era concedida perante a figura masculina. A personagem, representada como figura feminina, aparece não tão frágil como para os românticos, mas que é infeliz e que sonha com algo melhor para sua vida.

Assim, pode-se dizer que a personagem vive dentro de um ambiente social em que se espera que ela respeite as regras, vivendo dentro de uma moral aceita pela sociedade que seria o casamento. Zé, irmão de Dolores, procura mostrar que o grande problema é a falta de casar. Zé demonstra ser o típico homem conservador, rigoroso e ligado às tradições patriarcais, como exercer certo domínio sobre sua esposa. Zé descreve a situação de Dolores como uma mulher problemática e indecisa, que se mantém assim por toda a obra, mesmo quando acusada de doida, permanece passiva e não responde às acusações.

Tudo isso leva à dúvida se o problema de Dolores é a falta de casar. Nota-se, portanto, que a narrativa se baseia na situação em que se encontra Dolores. É bastante claro que a personagem tem consciência de como padrões sociais determinam de modo negativo na situação da mulher. Nas páginas de Faro, sem qualquer contestação, Dolores reconhece a imagem criada e imposta por Zé, acreditando que sua loucura está baseada na falta de casar. Encontra-se o sentimento de repúdio ao discurso proferido por Zé e pelo médico, em cujas linhas prevalece talvez o sentimento de muitas mulheres que se submeteram ao discurso dominante e ao silêncio.

É a mulher sem voz, assumindo uma postura passiva, submissa aos preceitos patriarcais que lhe exigiam o silêncio, nota-se, portanto, a incapacidade da personagem de se libertar dessa imposição destinada à mulher. É fato constatar que, na sociedade patriarcal, os valores masculinos são tidos como exemplo e o que vem do feminino é diminuído e desvalorizado. A questão é a imposição, a cobrança e as escolhas. A ideia de que, por ser mulher, precisa-se seguir padrões, a cobrança é feita de várias maneiras, como acontece na vida de Dolores, e o quanto essa pressão faz mal a tantas mulheres, sem que possa escolher por conta própria como querer ser e fazer sua vida. Assim, pode-se observar que Faro apresenta na obra o papel social destinado à figura feminina, sem ter como se tornar um sujeito ativo diante dos acontecimentos estranhos.

A personagem se via obrigada ao outro, ou seja, era submetida à figura masculina e a uma sociedade patriarcal. Nesta obra, as mulheres são estereotipadas, guiadas pelos preceitos patriarcais, pois a noção de feminilidade ensina que a mulher deve ser mãe, dona de casa e cuidar dos filhos, quando se tenta fugir dessa cultura predominantemente masculina, a figura feminina é reprimida.

CONCLUSÃO

Este estudo teve como objetivo realizar uma análise literária do conto “As formigas”, de Augusta Faro, desvelando os conteúdos culturais, sociais e históricos que permeiam a construção da identidade feminina sob o discurso patriarcal. Além disso, propõe-se apresentar algumas características do gênero literário fantástico, que constrói, por meio do insólito e simbologias, significados que transcendem o real, mas que, sobretudo, desvelam conteúdos que explicam a realidade. Desta forma, a protagonista é vista como a representação da mulher oprimida, sem voz, passiva na vida social e marginalizada por ideologias masculinas, vivendo em uma sociedade que possui uma visão de mundo totalmente androcêntrica.

No fantástico, é possível perceber a relação do sobrenatural com a realidade para refletir os fatos reais da dominação masculina como acontece com a personagem dentro da obra. O narrador do conto provoca certo desequilíbrio no leitor pelo fato de os elementos naturais e sobrenaturais se relacionarem, também se utiliza desse gênero para chamar a atenção, levando o leitor à reflexão dos problemas do seu dia a dia. No conto, a protagonista, mesmo não aceitando a postura da mulher idealizada, de estereótipos culturais, de casar para procriar, acaba sendo vítima dessa sociedade, sofrendo assim uma “punição” por não se adequar, ou seja, ela adquire uma “doença” cuja causa é a falta de casar, e por fim acaba sendo incapaz de se libertar

para se tornar um sujeito ativo. A presença de elementos insólitos no conto favorece a reflexão sobre a oposição homem/mulher.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Trad. Sérgio Milliet. 4ª ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 2016. BESSIÈRE, Irène. O relato fantástico: forma mista do caso e da adivinha. *Revista Fronteiras*, vol. 3, nº 3, Setembro/2009. [p.185-202].
- BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Helena Kunher. 4ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- COQUEIRO, Wilma dos Santos. **Poéticas do deslocamento: representações de identidades femininas no Bildungsroman de autoria feminina contemporânea**. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Orientador: Lúcia Osana Zolin, 2014.
- DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura. *Revista Estudos Avançados*. São Paulo: USP, v.17 n. 49, p. 151-172, 2003.
- FARO, Augusta. **A friagem**. São Paulo: Global, 2001.
- HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Tendências e impasses**. O feminino como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago. 1991.
- LOUZADA; Pedro Carlos; BORGES, Luciana (org.). **A mulher na escrita e no pensamento: ensaios de literatura e percepção**. Goiânia-GO: FUNAPE/UFG/DEPECAC, p. 139-157, 2013.
- MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2006.
- MARTINS, Ana Patrícia Sá. **A crítica machadiana em Dom Casmurro: um estudo da alegoria feminina como crítica ao sistema republicano no final do século XIX**. São Luiz, 2009.
- RAGO, Margareth. Trabalho Feminino e Sexualidade In: PRIORE, Mary Del (org.); BASSANEZI, Carla (coord. de textos). **História das Mulheres no Brasil**. 9ª ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- SARTRE, Jean Paul. Aminadab, ou o fantástico considerado como uma linguagem. In: **Situações I**. Tradução de Cristina Prado. São Paulo, Cosac Naify, 2005.
- SILVA, Marcelo Medeiros. **História literária, cânone e escrita de autoria feminina: reflexões sobre Júlia Lopes de Almeida e Carolina Nabuco**. *Miscelânea, Assis*, v. 11, p. 97-117, janjun. 2012. 37

SHOWALTER, Eliane. A crítica feminina no território selvagem. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). **Tendências e impasses**. O feminino como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

TODOROV, Tzvetan. **Introdução à literatura fantástica**. Reimpr. da 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014

